

**O AR DA AHORTA, A RAIZ DO CORAÇÃO**

THE AIR OF AHORTA, THE ROOT OF THE HEART

**Aline Aparecida Lages Thomaz<sup>1</sup>****RESUMO**

O artigo é um recorte do meu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado: O Ar da AHorta, a Raiz do Coração. Resulta dos processos formativos vivenciados nos cursos de Artes Plásticas Bacharelado e Licenciatura pela Escola Guignard da Universidade Estadual de Minas Gerais. A pesquisa narrativa configura-se como autobiográfica e desenvolveu-se com foco no reconhecimento da minha própria historicidade estética ao longo de minha formação. Para tanto, apoia-se na literatura que busca refletir sobre o narrar-se em autobiografia como processo de construção do conhecimento, estabelecendo paralelos entre o trabalho de ateliê de arte e a formação como arte-educadora. Apresenta uma proposta de ensino de arte baseada na experiência estética e no conceito de Objeto de Aprendizagem Poético (OAP).

**Palavras-chave:** Arte. Narrativas de si. Memória. Ateliê. Ensino-aprendizagem.

**SUMMARY**

The article is an excerpt from my Final Course Work, entitled: The Air of AHorta, the Root of the Heart. It results from the formative processes experienced in the Bachelor's and Licentiate Plastic Arts courses at the Guignard School of the State University of Minas Gerais. The narrative research is configured as autobiographical and was developed with a focus on the recognition of my own aesthetic historicity throughout my training. In order to do so, it is supported by the literature that seeks to reflect on narrating oneself in autobiography as a process of knowledge construction, establishing parallels between the work of an art studio and training as an art educator. It presents an art teaching proposal based on the aesthetic experience and on the concept of Poetic Learning Object (OAP).

**Keywords:** Art. Narratives of yourself. Memory. Studio. Teaching-learning.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Artes Plásticas pela Escola de Belas Artes da UFMG. E-mail: alinelagesthomaz@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

Neste artigo reflito sobre a trajetória de formação como artista-educadora, da minha subjetividade por meio das “narrativas de si”, lembranças de minhas primeiras experiências estéticas, desde a infância, e ao longo do meu percurso como artista e professora. Incluem-se os processos de Habilitação em Desenho e Pintura, durante o curso de Artes Plásticas Bacharelado, anterior à Licenciatura.

As reflexões e incursões sobre a vida pessoal, acadêmica e profissional possibilitam perceber como nos constituímos sujeitos multifacetados a partir dos vínculos estabelecidos nos círculos sociais, como instituições educativas, família, centros de cultura, vínculos de amizade, etc. As narrativas e memórias, centradas na reconstrução de histórias, propiciam as meditações sobre a vida, a própria formação, em meu caso, a profissão de arte-educadora, como também as histórias e as culturas sociais, atentando para a interligação entre os espaços e os tempos vividos.

“A narrativa não é, portanto, somente o sistema simbólico no qual o pôr em forma da existência encontraria sua expressão: a narrativa é o lugar onde o indivíduo humano toma forma, onde ele elabora e experencia a história de sua vida” (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 363). Apoiando-me no anteriormente mencionado referencial teórico, relaciono a minha formação acadêmica e a pessoal estabelecendo paralelos que signifiquem e justifiquem a minha historicidade como ateliê de arte, afirmando a importância do narrar-se como lugar de construção de conhecimento e processo de produção artística como revisita memorial.

Nesse sentido, construí uma monografia de curso de Licenciatura, em forma de Memorial narrativo, em suas variadas plataformas: a escrita, a pintura, o desenho, a colagem, a performance, o áudio e a docência, representa o resgate de momentos marcantes como preservação da memória afetiva, que participa do processo de aprendizado, como ação de conscientizar-se sobre uma permanente reconstrução de si. Ou seja, há no presente a necessidade de busca do passado para o autoconhecimento, proporcionando um futuro mais consciente. Para isso, traço o caminho de refletir sobre a vivência de diferentes situações nas etapas da minha vida:

no nascimento, nas primeiras experiências estéticas, no processo de ensino-aprendizagem, na universidade, na docência e no próprio ateliê.

Como foco narrei os sentimentos, assim como as pesquisas teóricas e plásticas que me levaram a tal empreitada. Apresentei a estrutura composicional da minha formação espaço-temporal-corporal. Narrar o vivido traz a essência do poder dos sujeitos se reconhecerem em si e visualizarem suas próprias histórias, propiciando sentido à vida-formação. Engendrar narrativas sobre o vivido já é colocar-se sob o auspício da escuta. Olhar os vários caminhos remonta o que foi, o que é, o que se deseja. A importância da trama das relações percebidas, a construção de significantes ao redor de novas rotas que se acentuam é potencializadora de um sujeito descobridor de seus desejos. É preciso entender que há de se percorrer direções durante os processos. Nessa perspectiva, a questão que norteia este exercício reflexivo desta escrita é: Como o processo de narrar-se a si potencializa a formação da arte-educadora?

Ao narrar as condições do meu nascimento e as minhas primeiras experiências estéticas de ensino-aprendizagem, exponho o trabalho plástico de uma narrativa autobiográfica, tecida nas considerações sobre a prática artística e docente exercida em função do aprendizado e experiências nos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Artes Plásticas da Escola Guignard. Enuncio a interligação entre as citadas etapas anteriores e as séries artísticas, desenvolvidas por mim há aproximadamente três anos, intituladas: *AR e Ahorta Raiz do Coração*.

## **O AR DA AHORTA: A RAIZ DO CORAÇÃO**

A abordagem teórica na qual apoiei-me para a escrita reflexiva sobre a minha formação são as narrativas biográficas, autobiográficas, as “narrativas de si”. Nas palavras de Josso (2004, p. 165-166) de que a pesquisa da singularidade se apresenta simultaneamente como uma necessidade vital, como um dado biológico e como uma tensão a viver no reconhecimento de uma ligação social incontornável. Não se trata de procurar a originalidade a qualquer preço, entretanto, a via do meio que permite escolher entre preferências que exprimem a dificuldade de viver nem “egocentrado”

nem alheio às suas raízes. É assim que se efetua o itinerário do caminhar para si com os outros e do caminhar consigo para os outros.

Alinhando-me às perspectivas apontadas na citação anterior, busco em Freire (2012, p. 40) justificar o recuo às memórias de infância, pois, o quintal da minha infância desdobrou-se em muitos outros espaços em que a mulher de hoje refletida na menina de ontem aprende melhor enxergando por outros ângulos o que fora visto antes, para que as próximas leituras do mundo sejam mais críticas e menos ingênuas.

Nas palavras de Freire encontrei o alento comparativo que a mulher de hoje, vendo a menina de ontem, apreende o universo antes visto e que, muitas vezes, o local pode ser maior que o global. Basta apenas imaginar, face ao pensamento da infância, o caminho para a pretendida educação. No que tange as minhas narrativas, posso dizer que, contextualizadas nessa conjuntura, as pactuo com os referenciais teóricos inspirados pelo caminho do recordar também como referencial as narrativas estéticas da artista Louise Bourgeois.

Na introdução do livro *Destruição do pai/reconstrução do pai*, Marie-Laure Bernadac, editora da citada obra, salienta que os diários de Bourgeois mapeiam a intimidade da artista, nos permitindo participar da transcrição de suas emoções e o desfile de seus pensamentos. Nos moldes de Bourgeois (2008, p. 220) “[...] eu faço, eu desfaço, eu refaço [...]”.

O meu trabalho torna-se, então, viabilizador de mudanças que fazem sentido, tanto para mim quanto para quem quiser compartilhar dele. “É por isso que considero que a intenção de caminhar conscientemente para si é um processo-projeto que só termina no fim da vida” (JOSSO, 2004, p. 83). Dizer de mim, partindo das escritas e descrições, me faz mais forte diante das tendências que buscam a burocratização do meu corpo, que o fazem, em muitas ocasiões, uma pilha de energia, um sustentáculo de um modelo já há muito falido. Distancio-me de mim mesma para me ver como máquina, e é assim que aprendo a ser menos robótica.

Do desejo de encontrar a mim é que nasce a pesquisa “O AR DA AHORTA: A Raiz do Coração” da necessidade de visualização da inquietante estranheza diante das minhas subjetividades. Nas qualidades do sentir, que desperta angústias, ou ainda, o medo e o horror que podem levar o sujeito ao desnudamento do seu Eu ao ponto de o perder diante de suas ambivalências. Num jogo de circunstâncias, que demonstram a

possibilidade do fazer artístico e da compreensão do Eu como instância de legitimidade na constituição dos trabalhos artísticos autobiográficos “AR e Ahorta Raiz do Coração”, e da minha historicidade interligada à narrativa de si provam a capacidade de se ver e de espelhar sensações há muito sentidas, entretanto, muitas vezes, escondidas.

Josso (2004, p. 191) contribui para a reflexão sobre o meu trabalho artístico e para a sistematização das narrativas em uma escrita acadêmica do memorial de criação. Para a autora, esse tipo de narrativa permite relacionar nossos conhecimentos em seus diferentes referenciais experienciais. Além disso, exprime o nosso ser-em-relação conosco e com outrem na evolução de nossos posicionamentos comportamentais. O exercício da escrita autorreflexiva desemboca, paulatinamente, no entendimento de que, a procura de uma autonomização do pensamento e a construção de uma subjetividade autêntica, coloca em prática um projeto de si como autor-pesquisador, por meio da reinterpretação de suas experiências, das valorizações simbólicas coletivas e dos múltiplos referenciais para o sujeito pensar sua própria vida.

**Figura 4:** *Ar*, série *AR*, 2020, técnica mista, 85x54cm.



**Fonte:** Arquivo pessoal Aline Lages

Vejo a série *AR* (em processo) como uma simbologia da historicidade do meu nome Aparecida desmembrado em palavras que contêm ou formam *ar* e que esbarram em fenômenos da minha infância, como: cair, parir, pedra, criar, apreciar...

O processo de criação da série surgiu em 2018, após uma experiência de imersão na Marmoterapia (técnica ayurvédica<sup>2</sup>), na qual pontos de memórias afetivas foram acionados no meu corpo através do toque, e assim, pude reviver o luto da morte de minha avó Terezinha, ainda na barriga de minha mãe.

Logo após àquela imersão ayurvédica, entrei em um processo de criação artística como sublimação da dor. Desenhei o corpo de uma mulher com os pulmões interligados pela palavra ar. Olhando aquela imagem, fui tomada por um pranto forte e escrevi meu nome Aparecida e as palavras germinadas dele. Dessas palavras, surgiu a primeira poesia: *Pari a Pedra*, que se desdobrou em pinturas, desenhos, áudios, performances e outras escritas que, mais tarde, denominei Série AR.

*Ai... Pari a pedra!*

*Pariei*

*Da rapa cresci*

*Criei, apreciei, ceei*

*Residi, decidi apareSER*

*Pra SER*

*Pra DAR pra Si*

*Pirei*

*Ar... Ar... Ar...*

*Aparecida*

---

<sup>2</sup> O termo ayurvédica ‘vem do sânscrito, significa “ciência da vida”. Sua origem remonta ao mais antigo sistema de saúde de que se tem conhecimento, - aproximadamente 5 mil anos de história, em territórios onde se localizam a Índia e Paquistão atualmente. No Brasil, popularizou-se a partir de 1980. Leia mais em: <https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/ayurveda-a-medicina-das-indias/>

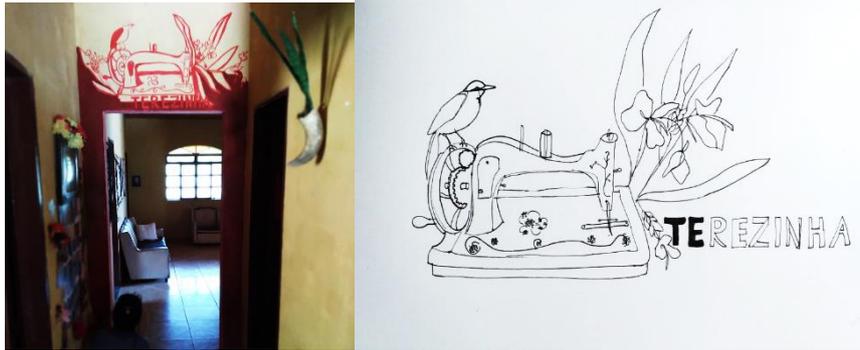
**Figura 7:** *Parir*, série AR, 2020, acrílica e bordado sobre tecido, 64x43cm.



**Fonte:** Arquivo pessoal Aline Lages

Continuando a caminhada, em 2020 regressei para a casa em que nasci, a casa dos meus avós. Retornei para a potência de mergulhar naquele rio e nas águas dele pude me limpar, esvaziar-me para um nado mais livre. Senti o desejo de ressignificar o vão da casa, o lugar de passagem em espaço de afeto, de comunicação do Eu Semente com a Avó Raiz. Descalça até a mata, busquei o barro, matéria-prima para a pintura, que desembocou no Portal Terezinha.

**Figura 8:** Portal Terezinha, acrílica sobre parede, 2021.



**Fonte:** Arquivo pessoal Aline Lages

Esse portal traz o desenho da máquina de costura de minha avó. No exercício de ir e vir, escolhi a linguagem do bordado para confeccionar os estandartes, o plantio da horta como um resgate das relações entre três gerações (avó, mãe e filha) e o caderno de relatos das memórias de minha infância, todos são parte das séries Ar e Ahorta raiz do coração.

**Figura 9:** *Buquê, série Ahorta raiz do coração, 2021, fotografia.*



**Fonte:** Arquivo pessoal Aline Lages

Em um dos meus relatos, destaco que quando eu ainda era semente na barriga de minha mãe, ela já florescia no cultivo da horta em que minha avó era a raiz. Éramos nós três: semente, flor e raiz. Ali, em corpo de planta fazíamos comunicações pelos nossos aromas. As mãos avermelhadas da terra; o nariz embriagado com o cheiro de estrume de vaca; pitadas de alecrim, manjeriço e salsa. Os ouvidos regidos pelo coral

Água d'Fonte e o Canto dos Pássaros enquanto nossos corpos dançavam na linha que nos unia, o nosso cordão umbilical.

**Figura 11:** Autorretrato, série *Ahorta raiz do coração*, 2021, fotografia.



**Fonte:** Arquivo pessoal Aline Lages

A partir do cordão umbilical, respirávamos o AR da arte de viver as relações do dia a dia nas quais o trabalho era a raiz do coração, experienciávamos o ensino-aprendizagem na estética do amor. No tempo de Eu Semente germinando, aprendi minha primeira e mais dolorosa lição dos ciclos de vida e morte. Minha Mãe, Flor em luto, chorava pela morte da minha Avó Raiz. A fragrância roxa e triste coloria meus pulmões em pneumonia. Eu, com apenas cinco dias de vida estava doente, e a minha mãe intuitivamente me salvou pela fé na palavra Aparecida. Da palavra apARecida inspirei o Ar que eu precisava para parir a mim mesma e a minha arte.

**Figura 12:** *Aparecida*, série AR, 2020, técnica mista, 89x56cm.



**Fonte:** Arquivo pessoal Aline Lages

Na série *Ahorta raiz do coração*, 2021 (em processo) abordo a relação da devastação feminina, o luto e a sublimação da dor. Minha linguagem é tecida com materiais do dia-a-dia, e a prática da escrita é conciliada com a do desenho juntamente com a performance, a palavra falada, áudios, fotografias, bordados e o cultivo da horta. A pesquisa constitui-se da mistura de elementos imbricados com a experiência do viver, a aparição e o que proporciona o respiro. Em meio ao cheio e o vazio, a alimentação e a náusea do existir.

**Figura 13:** Autorretrato, série *Ahorta raiz do coração*, 2021, fotografia.



**Fonte:** Arquivo pessoal Aline Lages

A horta e suas várias camadas, como a cebola que a cada casca tirada aprofunda numa metáfora das relações. A horta como ponto de encontro entre filha, mãe e avó, um resgate das raízes e da feminilidade. Primeiro a preparação da terra: arar, capinar, esterocar; depois o plantio: semear. Em seguida, o cuidado diário: aguar; depois a colheita.

Das colheitas diárias faço os desenhos, e fotografo como se eles fossem a identidade da horta, o 3x4 do coração. Por fim, o desenho vai para a mesa, e nela partilharmos o amor em forma de alimento. O registro diário, feito das colheitas da horta onde o alimento é desenho, identidade e memória afetiva. Também desenvolvi uma série de autorretrato, em que meu corpo é a raiz do coração e um manto para a performance de passagem.

**Figura 15:** 3x4, série *Ahorta raiz do coração*, 2021, fotografia.



**Fonte:** Arquivo pessoal Aline Lages

O tempo, e o meu olhar, estendidos, levaram-me ao reencontro do livro *Destruição do pai e reconstrução do pai*, de Louise Bourgeois. Nele, a artista descreve sua produção/obra inspirada em sua infância: “Minha infância jamais perdeu a magia, jamais perdeu seu mistério e jamais perdeu seu drama...” (BOURGEOIS, 2000).

Diante dos sentidos de vida e criação dados ao trabalho da artista que me inspira, trago mais uma vez suas palavras para traduzir-me: “Todo dia você tem que abandonar seu passado ou aceitá-lo, e se não conseguir aceitá-lo torna-se uma escultora” (BOURGEOIS, 2000, p. 134). A pesquisa “O AR DA AHORTA: A Raiz do Coração” torna-se, então, um fôlego para narrar-me. A desenvolvi no fluxo das circunstâncias

que demonstram meu fazer artístico permeado pela compreensão e formação contínuas da educadora e artista que se fundem como instâncias de legitimidade da intrínseca narratividade da minha historicidade.

**Figura 16:** *Tudo sobre minha mãe*, 2021, acrílica sobre mural, 130x300cm.



**Fonte:** Arquivo pessoal Aline Lages

Há, assim, uma contínua possibilidade da percepção de sensações inconscientes num processo constante de desenvolvimento da subjetividade buscada nas narrativas autobiográficas. Como fenômeno estético, a existência e o mundo justificam-se e, por este motivo, ainda vivemos num vir a ser. A pesquisa demonstra como o tensionamento entre impulsos naturais e artísticos justificam a existência. Trata-se, então, de compreender a arte de se pôr em cena frente a si mesmo e a arte de se tornar o que é. No fenômeno estético da constante reelaboração do Eu e do Outro é que a vida é justificada.

Recentemente, retomei minhas anotações antigas e abri a caixa dos objetos de afetos, dentre eles, estava a garrafa dos últimos grãos de feijões plantados pelo meu pai. Senti o desejo de tocá-los, desses toques parti para o desenho, dos desenhos para os registros fotográficos e para a escrita poética, como se, de alguma forma, eu quisesse unir o feminino e o masculino, o sagrado e o profano, a vida e a morte. As polaridades, que na vida real estão imbricadas em camadas e camadas, anos e anos de pesquisa, de vida, do que silenciaram e do que se silenciou em mim. Questiono-me: Como as pesquisas são apropriadas pelas obras em construção? Partindo dessa indagação, mostro parte do processo de criação que ao meu ver é contínuo.

**Figura 19:** *Bagos*, série AR, 2021, desenhos.



**Fonte:** Arquivo pessoal Aline Lages

O feijão é um cereal. Geralmente também chamado de bago. Quando plantado e molhado, o seu grão se abre para dar caminho à nova vida. A muda cresce e se estabelece em outra parte, caso o plantador o queira assim. Ou não, ela fica por ali mesmo onde foi inicialmente depositada. Segue o seu tempo até germinar e dar novos grãos, novos bagos. Meu pai, o plantador, também possuía bagos. E foram eles que me geraram juntamente ao ventre de minha mãe. Aqueles bagos produziram gametas suficientes para que, além de mim, nascesse mais um útero, o da minha irmã e mais quatro grãos, os dos meus dois irmãos. Meu pai, o plantador...

Sempre que pai colhia os grãos de feijão, minha mãe os enviava para mim onde quer que eu estivesse morando. Carinhosamente, colocava os grãos numa garrafa de vidro e enviava por intermédio de alguém ou eu os pegava quando os visitava. Por sorte do destino, eu havia guardado a última garrafa com os grãos plantados por meu pai. Com a sua morte, não prepararia aqueles últimos bagos. Agora, para onde eu vou, eu os levo comigo. Carrego meu pai na memória e os feijões na garrafa. Por sua vez, a arte fez desembocar aqueles grãos da garrafa. Hoje estou eu aqui na roça, tirando os feijões para tecer figuras que mais uma vez me trazem o AR. Aquele mesmo AR, que me faltou quando adoeci da pneumonia, e resultou na série AR.

Pai, o pescador... Trabalhava, trabalhava... Parecia aos meus olhos de criança uma luta sem fim... Saía cedo, de madrugada... Voltava tarde da noite... Todos os dias era assim. Não parava... Quando questionado sobre sair dali, respondia: “aqui temos tudo que precisamos: água, alimentos, terra...”. Quando tinha um tempinho, ele ia pescar. Quando meu pai jogava as varas, a fiska era bruta... De tilápias a traíras ou mandis, eram muitas as espécies de peixes, mas, do que ele gostava mesmo, era o piau. E eram muitos, coloquem muitos nisso. Eram quilos e quilos de piau.

O piau, apesar das espinhas, é um peixe muito saboroso. Para mim, o mais saboroso deles. Além da gostosura, ele também é muito lindo. É um peixe mais esquivo, com suas nadadeiras fortes e alongadas, os dentes afiados, as escamas duras e a pele com tons avermelhados. O piau puxa que é uma beleza. Na roça, costumam dizer que peixe marcha. Isso mesmo, quando ele fiska a isca, e dá o arranque na vara, o povo chama de marcha. Era uma briga danada boa de ver. Pai puxava de um lado, a vara de bambu entortava, e o piau puxava do outro... Algumas vezes o peixe escapava, mas, na maioria era pai que ganhava as batalhas... Mesmo sendo um momento de distração, pai levava mais alimentos para casa. Ele se distraía e trabalhava ao mesmo tempo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A horta inserida no meu contexto de vida como memória das ligações entre os meus familiares, destacando a minha mãe, a minha avó e o meu pai, provou que como objeto artístico de vida contribui para a minha emancipação. Assim como contribui, para no

ambiente escolar, tornar-se laboratório vivo possibilitador do desenvolvimento de diversas atividades pedagógicas transdisciplinares, auxiliando no processo de ensino-aprendizagem e estreitando relações através da promoção do trabalho coletivo e cooperado entre os agentes sociais envolvidos. Com a horta, unem-se a teoria e a prática, de forma contextualizada no reconhecimento do ambiente e da historicidade de cada um.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **À Sombra desta Mangueira**. São Paulo: Olho d'Água, 2012.

BOURGEOIS, Louise. Abuso Infantil. In: **Destruição do pai, reconstrução do pai** (entrevistas e escritos). São Paulo: Cosac Naify, 2000. p.133-137.

BOURGEOIS, Louise. **Louise Bourgeois**. MORRIS, Frances (Org.). Nova York: Rizzoli, 2008.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.